



**Desafios socioeconômicos: Uma análise sobre os desafios enfrentados por
mestrandas durante o programa de pós-graduação da Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE) no Centro Acadêmico do Agreste (CAA)**

Mayara Wanesa da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

mayara.wanessa@ufpe.br

Felipe Silva de Lima

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

felipe.silvalima@ufpe.br

Denise Clementino Souza

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

denise.csouza@ufpe.br

Modalidade: (x) Texto Completo () Texto em andamento () Resumo expandido

Resumo

O artigo analisou como mestrandas da UFPE-CAA enfrentam desafios sociais, econômicos e acadêmicos nos mais diversos contextos e as estratégias utilizadas para superá-los. A discussão sobre os obstáculos se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizou-se a abordagem qualitativa do tipo descritiva, com oito mestrandas. Os achados apontam que a mobilidade, a maternidade na pós-graduação e a realização das atividades domésticas são considerados por elas como desafios sociais; já na esfera financeira, o custeio de combustível e passagens para acessar as aulas se destacaram entre os desafios mencionados, considerando a bolsa como indispensável para financiamento das demais despesas. Acerca dos desafios acadêmicos, as participantes relataram o excesso das demandas de atividades e dificuldades com a escrita científica. A pesquisa também revelou a presença de impactos psicossociais significativos entre todas as mestrandas entrevistadas, manifestando-se por meio de sintomas como ansiedade, síndrome de burnout, crises de enxaqueca, depressão, ataques de pânico, estresse, lapsos de memória, perda da visão periférica e episódios de desmaios. De acordo com as respostas obtidas pelas mestrandas, foi elaborado um quadro que evidencia as estratégias de superação dos desafios mencionados por elas. Este estudo traça um panorama dos desafios sociais, econômicos e acadêmicos vivenciados por mestrandas da UFPE-CAA, contribuindo para a reflexão institucional sobre a necessidade de ampliar os apoios à pós-graduação.



Palavras-chave: Mestrandas, desafios socioeconômicos, políticas institucionais, desafios na pós-graduação, estratégias para superar os desafios.

Abstract

The article analyzed how female master's students at UFPE-CAA face social, economic, and academic challenges in various contexts, as well as the strategies they use to overcome them. The discussion on these obstacles was based on semi-structured interviews and employed a descriptive qualitative approach with eight participants. The findings indicate that mobility, motherhood during graduate studies, and performing domestic tasks are perceived as social challenges. In the financial sphere, the cost of fuel and transportation to attend classes stood out among the reported difficulties, with the scholarship being considered essential for covering other expenses. Regarding academic challenges, the participants reported an overload of tasks and difficulties with scientific writing. The research also revealed significant psychosocial impacts experienced by all interviewed students, including symptoms such as anxiety, burnout syndrome, migraine attacks, depression, panic attacks, stress, memory lapses, loss of peripheral vision, and fainting episodes. Based on the responses provided by the students, a framework was developed to highlight the strategies they use to overcome the mentioned challenges. This study provides an overview of the social, economic, and academic challenges faced by female master's students at UFPE-CAA, contributing to institutional reflection on the need to expand support for graduate education.

Keywords: master's students, socioeconomic challenges, institutional policies, challenges in graduate studies, strategies to overcome challenges.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o acesso feminino ao ensino superior tem aumentado significativamente. Com a expansão da educação no Brasil e a oferta de vagas nas universidades houve uma beneficiação principalmente das mulheres, que reverteram desigualdades históricas e passaram a ter níveis de escolaridade superiores aos dos homens (Guedes, 2008). Com o passar dos anos, tem-se observado avanços significativos na presença feminina no meio científico. Atualmente, muitas universidades brasileiras contam com um número relevante de mulheres ocupando espaços como pesquisadoras, professoras e estudantes tanto na graduação quanto na pós-graduação (Loch; Torres; Costa, 2021).

A pós-graduação representa uma etapa fundamental para o aprimoramento acadêmico e o avanço profissional, sendo um espaço de construção de conhecimento, especialização e inserção mais qualificada no mercado de trabalho. O acesso democratizado ao ensino superior proporciona formação de mão de obra qualificada, alinhada às demandas do mercado, rompe ciclos de pobreza, proporcionando oportunidades de emprego, minimizando ou sanando abismos sociais relacionados a



gênero, renda e a inclusão de grupos marginalizados, como estudantes de baixa renda, minorias étnicas (Silva, 2024).

Dados de uma pesquisa exploratória, revelaram que a presença das mulheres é minoria na pós-graduação, tanto enquanto discentes, quanto na condição de docentes. Destaca-se a necessidade de políticas institucionais que promovam a equidade de gênero, incentivando a inserção e permanência de mulheres em cargos de liderança e na pesquisa acadêmica. No entanto, apesar do crescimento no ingresso de mulheres na pós-graduação, a continuidade ainda é um desafio, principalmente quando se consideram fatores sociais e financeiros (Peixoto et al., 2022).

Diversos fatores figuram como razão para evasão do ensino superior, entre eles destaca-se o fator econômico como preponderante para a desistência, bem como desempenho acadêmico e apoio social. É necessário conhecer as razões pelas quais as/os acadêmicas/os evadem, para formular políticas públicas que minimizem ou cessem as desistências supracitadas (Martins, 2022).

A *Agenda 2030* é um conjunto de ações pensadas para recursos humanos, para os recursos ecológicos e para a prosperidade, iniciado pela *Organização das Nações Unidas* (ONU) para formular os novos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS). Esse trabalho está alinhado ao ODS 4 que tem como finalidade assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade em todos os níveis da educação, assim como também ao ODS 5 que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2015).

Este estudo tem como objetivo geral analisar os desafios socioeconômicos reconhecidos por alunas de cursos de pós-graduação no que se refere a permanência acadêmica, considerando os contextos sociais, financeiros e acadêmicos que estão inseridas. Parte-se da seguinte problemática: quais são os principais desafios socioeconômicos enfrentados por alunas de pós-graduação que podem comprometer a continuidade da trajetória acadêmica e quais estratégias elas utilizam para superá-los?

A pesquisa propõe identificar os principais obstáculos que impactam a continuidade de pós-graduandas em cursos de mestrado na UFPE, no CAA. Diante desse cenário, a presente pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, por sua relevância teórica, ao buscar evidências sobre os desafios enfrentados por alunas durante o programa de pós-graduação. Em segundo lugar, a justificativa prática reside na possibilidade de fornecer subsídios para a formulação de políticas institucionais mais sensíveis às necessidades sociais e financeiras das estudantes, promovendo estratégias de apoio e permanência que favoreçam a equidade de oportunidades, contribuindo com a construção de um ambiente acadêmico mais justo e inclusivo. Propõe-se, de forma específica, elaborar um cenário descritivo constituído pelos desafios e estratégias observadas pelas pós-graduandas.

O objetivo geral da pesquisa é de analisar os desafios socioeconômicos reconhecidos por mestranda de cursos de pós-graduação, considerando os contextos financeiros, sociais e acadêmicos que estão inseridas. E especificamente identificar os principais desafios sociais que podem impactar a continuidade de pós-graduandas, constatar os principais desafios econômicos que podem interferir no prosseguimento das pós-graduandas, identificar os principais desafios acadêmicos na pós-graduação e mapear as estratégias de superação adotadas para superar esses desafios.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos socioeconômicos



Apesar dos avanços e conquistas das mulheres no espaço público, a permanência quase exclusiva de responsabilidades no ambiente doméstico revela que essa revolução foi incompleta, perpetuando uma divisão sexual do trabalho desigual e desfavorável para elas (Sousa; Guedes, 2016). A baixa escolaridade e a falta de qualificação profissional, que são reflexos de fatores socioeconômicos estruturais ainda muito presentes na sociedade brasileira, contribuem para que grande parte da população em especial as mulheres, aceitem condições de trabalho insalubres como única alternativa de sustento (Baldissera et al.; Rossetto et al., 2019).

A educação tem um papel fundamental nas mudanças sociais, pois amplia a visão crítica das pessoas e reflete o nível de progresso de uma sociedade (Dias; Pinto, 2019). Sendo uma construção social, a educação não está imune às diversas formas de preconceito e desigualdade, incluindo aquelas relacionadas ao gênero, raça/etnia, classe social, faixa etária, nacionalidade, entre outras dimensões (Silva; Ribeiro, 2014). Ainda que a presença feminina na ciência seja numericamente equivalente à masculina, observa-se que os espaços de maior prestígio e poder na hierarquia acadêmica continuam sendo predominantemente ocupados por homens, independentemente da área do saber (Silva; Ribeiro, 2014).

A dificuldade em garantir acesso equitativo ao ensino superior no Brasil está relacionada, entre outros aspectos, às profundas desigualdades sociais, caracterizadas pela concentração de renda e pela qualidade limitada da educação oferecida por grande parte das escolas (Noro; Moya, 2019).

Os fatores socioeconômicos constituem uma variável fundamental nas pesquisas sociais, especialmente no campo da educação; sua relevância se evidencia na análise das desigualdades educacionais, uma vez que há uma relação direta entre os resultados acadêmicos e a origem social dos estudantes (Soares; Alves, 2023). O impacto dos fatores socioeconômicos se evidencia de forma contundente, Lourenço et al. (2017) apontam que elementos como a distância entre a residência e a escola, os problemas de mobilidade urbana, o estado conjugal das famílias, as condições materiais dos domicílios e o fato de muitas famílias serem chefiadas por mulheres afetam diretamente o acesso e a permanência dos estudantes.

Nos últimos 20 anos, o ensino superior no Brasil tem passado por um processo de ampliação e diversificação, impulsionado especialmente por políticas públicas voltadas à expansão e à democratização do acesso às instituições públicas de ensino (Sá, 2022). As desigualdades sociais exigem ação contínua do Estado, devido ao seu caráter estrutural na sociedade brasileira, visando reverter um histórico de injustiças que afetam grande parte da população (Noro; Moya, 2019). Corroborando essa perspectiva, Sá (2022) destaca a importância de políticas públicas voltadas à democratização do acesso ao ensino superior, como o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Ele também enfatiza que, para a concretização desse marco histórico, foram fundamentais tanto as políticas de ação afirmativa quanto a atuação dos movimentos sociais.

A educação superior constitui uma ferramenta estratégica de impulso ao desenvolvimento econômico. Ao expandir o acesso e a permanência no ensino superior, favorece a empregabilidade, como também promove a mobilidade social, reduz desigualdades financeiras através de boas remuneração laboral. Contudo, o prosseguimento na academia representa um impeditivo de ordem econômica para vários núcleos familiares, pois representa custo com transporte, materiais didáticos e custo de vida. Mediante esse impasse, as Instituições de Ensino Superior (IES) podem elaborar programas de auxílios financeiros à comunidade discente, para evitar e/ou minimizar a evasão acadêmica (Silva, 2024).



A presença feminina no campo da ciência e tecnologia também se reflete na concessão de bolsas por agências governamentais de fomento, como o CNPq, evidenciando sua inserção nesse setor (Leta, 2023). Essas bolsas garantem a cobertura das necessidades básicas, como alimentação e transporte, desse modo, recomenda-se, portanto, que as IES implementem mecanismos que ampliem o acesso de estudantes economicamente desfavorecidos a essas bolsas, promovendo a equidade no ensino superior (Noro e Moyo, 2019).

Um projeto pensado em auxiliar estudantes com vulnerabilidade econômica e que busca reduzir a evasão e melhorar o desempenho acadêmico nas universidades federais através de políticas públicas, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) oferece suporte em diversas áreas essenciais, como moradia, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. O seu principal objetivo é promover a igualdade de oportunidades no ensino superior público e contribuir para a melhoria da qualidade da educação, atuando como instrumento de redução das desigualdades sociais. Todavia, se faz necessário aprimorar e ampliar políticas e ações de apoio para promover o sucesso acadêmico dos estudantes (Andrade e Teixeira, 2023).

A mobilização do movimento negro contra a desigualdade racial contribuiu para a criação de políticas afirmativas, especialmente a lei de cotas, que ampliaram o acesso de estudantes negros e oriundos de escolas públicas às universidades federais. Ainda segundo os autores, nos últimos anos, essa política vem sendo estendida também à pós-graduação, promovendo a inclusão de grupos historicamente marginalizados em espaços acadêmicos mais avançados e contribuindo para uma maior diversidade na produção científica do país (Ribeiro; Alves; Soligo, 2024).

2.2 Gênero e Pós-Graduação

O gênero também constitui um fator social, devido a isso, a sociedade brasileira tem intensificado os debates sobre gênero, destacando os papéis sociais de homens e mulheres e as formas de discriminação e violência contra as mulheres, resultantes de um sistema binário (Silva; Podolak, 2021). A busca por igualdade entre homens e mulheres continua sendo um desafio constante, devido à persistência de uma estrutura social baseada no machismo e no patriarcado, que influencia diretamente as relações de poder e autoridade na sociedade (Silva; Podolak, 2021).

Para muitas pós-graduandas, equilibrar o exercício da vida profissional, os afazeres domésticos, a gestação e/ou a maternidade e as demandas todas da carreira acadêmica pode representar um grande e árduo desafio. A busca para (tentar) equacionar, preferir ou preterir essas responsabilidades, é denominada como abandono ou adiamento da vida pessoal em favorecimento da pós-graduação (Nganga, 2023).

É notável que a relêvância de políticas de ação afirmativa tenham minimizado parcialmente as desigualdades, os negros — especialmente mulheres negras — ainda enfrentam barreiras sistêmicas no ensino superior. A paridade racial demanda não apenas acesso formal, mas transformações estruturais nas instituições e na sociedade. A análise reforça a urgência de políticas interseccionais que considerem raça, gênero e classe para construir um sistema educacional verdadeiramente equitativo (Artes, 2018).

A trajetória à implementação de políticas de ação afirmativa na pós-graduação brasileira, com foco nas cotas para grupos historicamente excluídos, é repleta de obstáculos institucionais e culturais que dificultam a consolidação eficaz, a fim de promover a inclusão de grupos historicamente excluídos, PcD, como negros, indígenas e pessoas de baixa renda, (Santos, 2020).



Com a finalidade de democratizar tanto a expansão, quanto a qualidade da pesquisa produzida na pós-graduação em todo território brasileiro, é necessário consolidar, por meio de políticas públicas, uma descentralização regional orçamentária, exigindo ajustes que equilibrem equidade entre os estados e sustentabilidade acadêmica, promovendo excelência acadêmica por meio do financiamento público (Tischer; Turnes, 2025)

2.3 Desafios sociais e acadêmicos na pós-graduação

Conciliar trabalho e estudos para as mulheres é uma atividade bastante complexa, pois elas em sua maioria, assumem também atividades domésticas (Barros, Mourão, 2018). As tarefas domésticas e os compromissos familiares acabam gerando uma carga excessiva, tanto física quanto emocional, para as mulheres, o que dificulta seu progresso na carreira científica (Barros; Mourão, 2018). O papel de esposa e/ou mães é considerado para as pós-graduandas como desafios para equilibrar a vida profissional e pessoal, uma vez que torna essa conciliação ainda mais difícil (Nganga; et al., 2023). A conciliação entre responsabilidades familiares e a trajetória profissional ainda representa um grande desafio para muitas mulheres, que acabam enfrentando uma dupla jornada e, conseqüentemente, uma sobrecarga física e emocional (Loch; Torres; Costa, 2021).

Outro desafio enfrentado por elas é a falta de estrutura e preparo das instituições para atender às necessidades específicas de pessoas grávidas, em trabalho de parto ou que já são mães, evidenciando que o ambiente acadêmico ainda não foi planejado para acolher essas realidades (Nganga; et al., 2023). Os prazos rígidos para a conclusão do curso também é considerado outro desafio da pós-graduação, que por muitas vezes pode representar não apenas uma fonte de frustração, mas também uma perda significativa de tempo e recursos, tanto para os estudantes quanto para as instituições (Gatti, 2001).

O meio acadêmico não está livre dos preconceitos, se tratando de desigualdades raciais podemos perceber sua presença na universidade. Ainda segundo os autores, a maior parte dos estudantes negros já foi vítima ou testemunhou episódios de racismo dentro do ambiente universitário, muitas vezes cometidos por colegas ou funcionários (Guerra; et al., 2024). O racismo institucional atua ao selecionar quem é reconhecido e atendido pelas instituições, influenciando o acesso desigual a serviços, mercado de trabalho, educação e posições de prestígio social (Valério; et al., 2021). Esse preconceito fica ainda mais difícil para as alunas negras cotistas que enfrentam uma discriminação tripla, pois ocupam uma posição social onde se cruzam diferentes formas de desigualdade relacionadas à raça, ao gênero e à classe social (Martins; Taquette, 2024).

Historicamente, a universidade tem representado um ambiente hostil para as mulheres, marcado por sentimento de insegurança. Nesse espaço, as violências podem ser cometidas por desconhecidos, colegas, docentes e até parceiros do convívio diário. Ainda de acordo com os autores, as agressões variam desde a invalidação das capacidades intelectuais até casos extremos de assédio e ou violência sexual (Souza; et al., 2021).

Estudos recentes indicam que o ambiente universitário também tem se revelado como espaço onde ocorrem práticas de assédio moral (Nunes; Pellegrini; Tolfo, 2023). O assédio moral, embora frequentemente se manifeste de forma mais estereotipada em ambientes como o trabalho, universidades ou instituições de ensino do que nas relações privadas, não sendo por isso menos nocivo, ainda segundo os autores o meio educacional, em particular, é um dos contextos mais impactados por essas práticas (Ribeiro; Freitas, 2014). O assédio moral no meio acadêmico, pode ocorrer por meio de pressão por produtividade, incentivada pela competitividade no ambiente

universitário, frequentemente pode se manifestar por meio de falas hostis e excessivas, afetando principalmente os estudantes, o que pode favorecer situações de assédio moral (Costa; Paiva, 2023).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa será de natureza qualitativa e de caráter exploratório, buscando compreender de forma aprofundada as percepções e experiências das participantes envolvidas. Foi realizada uma leitura crítica sobre os temas investigados, de modo a contextualizar as falas das participantes e ampliar a compreensão do fenômeno estudado. A amostra foi composta por oito mestrandas de cursos da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste, levando em conta a relevância de suas experiências pessoais e acadêmicas para os objetivos da pesquisa. Como instrumentos metodológicos, serão utilizadas entrevistas semiestruturadas, baseadas no modelo de questionário socioeconômico do ENADE e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possibilitando uma coleta de dados flexível e sensível à complexidade das narrativas individuais. As entrevistas foram realizadas de forma voluntária no formato presencial e remoto via Google Meet, assim como também todas as entrevistas foram gravadas e transcritas com a plataforma *TurboScribe*. Para preservar a identidade das entrevistadas, associamos as mesmas com a codificação “E 1”, “E 2”, “E 3”, “E 4”, “E 5”, “E 6”, “E 7” e “E 8”. A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, com categorização temática, permitindo a identificação de padrões, significados e sentidos atribuídos pelas participantes aos temas abordados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo busca compreender os desafios sociais, econômicos e acadêmicos enfrentados por mulheres em cursos de pós-graduação no CAA da UFPE, bem como as estratégias utilizadas por elas para superar esses desafios. Espera-se, com esta análise, identificar os principais fatores que dificultam a permanência dessas alunas, mapear os mecanismos de superação adotados, e contribuir para o desenvolvimento de políticas institucionais de apoio que promovam maior equidade e permanência estudantil no ambiente acadêmico.

Quadro 1: Perfil socioeconômico e acadêmico das entrevistadas

Perfil socioeconômico e acadêmico das entrevistadas							
Entrevistadas	Profissão	Estado civil	Se tem filho	Raça	Classe	Fonte de renda	Semestre
E 1	Nutricionista	Solteira	Não	Amarela	C	Trabalho e Bolsa	1º
E 2	Administradora	Casada	Sim	Parda	B	Trabalho	1º
E 3	Professora de Química e Agente de Saúde	Casada	Não	Branca	C	Servidora Pública e empreendedora	3º

E 4	Publicitá ria	Solteira	Não	Branca	D	Bolsa	1°
E 5	Engenheir a de Produção	Solteira	Não	Negra	D	Bolsa	
E 6	Professora dos anos iniciais	Casada	Não	Parda	C	Servidora Pública	3°
E 7	Administra dora	Solteira	Não	Branca	D	Bolsa e tutoria	1°
E 8	Contadora	Solteira	Não	Parda	C	Trabalho	1°

Fonte: Os autores

Foram entrevistadas oito mestrandas, sendo três casadas e cinco solteiras, dentre elas apenas uma é mãe. As informações revelaram que três pessoas se consideram brancas e uma delas declarou possuir ascendência indígena. Três declararam ser pardas, uma declarou ser negra e uma declarou ser amarela. Em relação à “renda familiar”, apenas a “E 2” está de acordo com o IBGE na classe B com rendimentos entre R\$15.180,00 a R\$30.360,00, as demais estão na classe C com rendimentos entre R\$ 6.072,00 a R\$ 15.180,00, e na classe D com rendimentos de R\$ 3.036,00 a R\$ 6.072,00. Das oito voluntárias, quatro delas só trabalham, a “E 1” trabalha e recebe a bolsa de mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e “E 4”, “E 5” e “E 7”, não trabalham e recebem bolsa de mestrado da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia (FACEPE), dessas as entrevistadas “E 4” e “E 5” optaram por dedicação exclusiva no mestrado, abdicando dos empregos que possuíam. A entrevista “E 6” recebeu a bolsa da FACEPE até ser homologada em concurso público.

4.1 Desafios sociais enfrentados na pós-graduação

Nessa categoria foram identificados como desafios sociais à mobilidade no transporte público para acessar o CAA, assim como também o distanciamento geográfico na cidade de origem. Outro desafio apontado foi a dificuldade para conciliar as atividades acadêmicas, a carreira profissional e a maternidade. As demais não mencionaram nenhum desafio social na pós-graduação. “Eu acho que o desafio é essa conciliação de tarefas e conseguir entregar todo um nível aceitável, né? Fazer um bom rendimento na empresa, ter um bom rendimento aqui, e ser mãe, que é o principal projeto.” (E 2). Lourenço et al. (2017) reforça a mobilidade como fator relevante e condição essencial para a promoção da permanência acadêmica.

Demanda-se um esforço significativo, para pós-graduandas, conciliar a carreira profissional, o cumprimento das atividades acadêmicas, o lugar e o papel materno e ainda a organização do lar. Muitas dessas mulheres sofrem estigmas pelo fato de continuarem com a pesquisa simultaneamente (Nganga, 2023).

4.2 Desafios financeiros enfrentados na pós-graduação

A análise da categoria desafios financeiros na pós-graduação revelou que o custo com transporte, combustível e passagens referente ao acesso da UFPE-CAA se sobressaíram nessa categoria. As entrevistadas que recebem ou receberam a bolsa do mestrado, enfatizaram que é crucial a bolsa para a permanência na pós-graduação, sendo possível custear gastos básicos.

Eu consigo arcar com o custo de ir para a faculdade, consigo arcar com os custos de me manter nessa situação dos estudos. Agora, também não é da maneira como eu desejava. Por exemplo, eu não consigo me manter sozinha ainda, financeiramente. Se eu quiser alugar uma casa, enfim, morar em Caruaru, por exemplo, eu não consigo fazer isso. Eu não consigo me manter financeiramente sozinha. (E 4).

Esse apoio estudantil, as bolsas, asseguram a cobertura de necessidades essenciais, como alimentação, sendo um item não negociável, pois impacta diretamente a saúde e o desempenho acadêmico e transporte. Por isso, é recomendável que as Instituições de Ensino Superior adotem medidas que ampliem o acesso de estudantes em situação de vulnerabilidade econômica a esses auxílios, promovendo, assim, maior equidade no ensino superior (Noro e Moyo, 2019).

4.3 Desafios socioeconômicos e psicoemocionais na pós-graduação

Na categoria ingresso na pós-graduação todas as entrevistadas ingressaram pela ampla concorrência, porém duas das oito se reconhecem como negras, a “E 6” teve receio de concorrer à cota racial e não se encaixar nos critérios de heteroidentificação e a “E 5” tentou entretanto teve sua solicitação indeferida entrando nas vagas de ampla concorrência.

Vê só, eu não sei informar se foi por cota ou não, porque eu passei pela heteroidentificação, mas tinha sido negada. Mas mesmo assim eu passava em ampla concorrência. Porém, eu recorri, né? Já que o meu projeto é voltado a questões de raça. Então eu recorri e eles me colocaram nas cotas. Mas aí eu não sei como ficou essa questão do processo. No processo seletivo em si. Mas eu tentei, fui negada, recorri, consegui as cotas, né? Mas de todo modo eu entrava na ampla. E aí não sei qual o critério que eles usaram. (E 5).

A minha de pós-graduação foi de ampla concorrência [...] Fica muito em aberto você dizer que você é parda. Por exemplo, eu não tenho nenhum documento meu que tenha lá, que tenha lá parda [...] Ah, você não é parda. Mas eu me considero parda. Eu não me considero branca [...] Pra não ter essa problemática, assim, de estar provando o se eu sou, o se eu não sou, eu prefiro colocar em ampla concorrência. (E 6).

Das oito participantes, seis se encontram no primeiro semestre do mestrado e duas encontram-se no terceiro semestre do mestrado, na fase de escrita da dissertação. Na categoria rotina no mestrado, todas as mestrandas que estão no primeiro semestre, estão se dedicando exclusivamente às disciplinas, e relataram não possuir tempo para se dedicar a grupo de pesquisa, congressos acadêmicos e cursos de idiomas. Três das oito voluntárias relatam que participam de grupos de pesquisa e congressos científicos na pós-graduação.

Três das entrevistadas relataram que dedicam três turnos para conciliar as atividades acadêmicas e profissionais. Duas falantes apontaram como desafio a questão intelectual e duas a questão da escrita científica. “Ainda estou no primeiro semestre, algumas coisas realmente já melhoraram bastante, mas eu acho que é mais uma questão de habituação, a leitura, a pesquisa, as demandas que são exigidas.” (E 4).

Será que o que eu vou escrever vai ser suficiente? Porque é uma coisa é você escrever quando você está em uma graduação. Quando você vai para o mestrado, a gente percebe que a escrita científica da gente tem muito a melhorar. A gente precisa muito melhorar na escrita científica. (E 6).

Uma das entrevistadas alegou que um desafio que enfrenta é a questão da falta de rede de apoio e adaptação na cidade.

Acho que a maior dificuldade é a falta da rede de apoio, assim, né? Mesmo morando sozinha há três anos, se eu estivesse fazendo, por exemplo, mestrado, dá um surto. Eu vou para casa da minha mãe, passo uma semana, um final de semana. Mas, eu morando longe, eu não tenho isso. [...] me adaptar à cidade. A rotina é totalmente diferente de uma cidade, de uma capital. (E 7).

Na categoria atividades domésticas revelou que todas realizam atividades domésticas e que dessas oito, quatro dividem as atividades domésticas com outras pessoas que moram no mesmo ambiente e apenas uma tem empregada doméstica. “[...] Então, acho que o que mais pesa para mim é isso. Ter que me dividir em várias para poder dar conta das coisas [...]” (E 7). Seis das oito participantes alegaram que as atividades domésticas atrapalham a rotina acadêmica. “E, de certa forma, só ocupa tempo que eu poderia estar me dedicando ao mestrado. Então, eu sinto que sim, atrapalha” (E 1).

Para a grande maioria das pós-graduandas, a junção das atividades pessoais, profissionais e as demandas acadêmicas são consideradas um grande desafio, e em muitos casos acontece o adiamento da vida pessoal em preferência da pós-graduação (Nganga, 2023).

Todas as entrevistadas alegaram considerar a maternidade na pós-graduação como sendo um desafio. “Eu acredito que seja muito mais difícil você conciliar, porque além da sua vida, você tem uma outra vida para tomar conta, e alguém que é totalmente dependente de você. Então, eu acredito que seja bem difícil.” (E 1). Apenas a “E 2” é mãe e confirma essa percepção das demais entrevistadas, mesmo ela já tendo uma programação na sua rotina e possuir uma rede de apoio, assim como uma babá, ela afirma que é um desafio a maternidade na pós-graduação.

É desafiadora. Você não, você perde aquilo, não só na pós-graduação, você perde aquele senso de eu controlo tudo [...] “ Você não consegue se planejar tão bem. Você pode ter marcos na semana que você quer atingir, no dia, enfim. Mas tem muita coisa que você não controla. (E 2).

Quando foram indagadas se *já passaram por momentos na pós-graduação que causaram instabilidade à saúde*, sete entre oito afirmaram, com contundência, que a grande quantidade das demandas acadêmicas corroboram para essa fragilidade.

Sim [...] Psicológica, que de certa forma, termina impactando no nosso físico, né? [...] Eu credito que a junção de tudo. A alta demanda que eu tinha, por exemplo, e fez com que eu privasse meu sono, que gerasse uma ansiedade. Então, eu acredito que eu acúmulo de tarefas, juntando pós-graduação e vida profissional. (E 1).

Então, eu passei por um tempo que eu não descansava de jeito nenhum e tinha que ter as demandas todinhas da faculdade, da pós-graduação, essas coisas. Então, eu fiquei com a síndrome de burnout, que eu toda vez esqueço. É isso mesmo. Você fica tão cansado que você paralisa. (E 3).

Ah, sim. Muitas [...] Atualmente essa situação, assim, me deixa mais tranquila porque eu sei que todo mês certinho eu estou recebendo lá a bolsa. Mas, por exemplo, eu sou uma pessoa muito... Eu absorvo muitas coisas, né? E aí, tipo, se eu estou muito pressionada com alguma coisa, isso vai me gerando ansiedade e acaba desenvolvendo uma crise de enxaqueca. Inclusive eu já tomo, faço tratamento pra enxaqueca, mas eu acabo desenrolando uma crise de enxaqueca muito intensa quando eu me sinto nervosa sobre alguma situação, assim, porque eu sei que eu não estou dando conta. E aí isso responde muito, sabe? Responde para o corpo, algo emocional que acaba desenvolvendo. (E 4).

Sim. No período que eu ensinava na instituição particular os dois horários, que era uma pressão muito grande, muito, muito grande que chegou a um ponto que eu cheguei a desmaiar na sala. Eu ficava muito nervosa e eu cheguei a desmaiar na sala. E outra vez também que eu perdi a visão periférica. Eu não conseguia mais enxergar. (E 6).

Ahh direto, arram. Física nem tanto, mas sempre, acho que desde a época da graduação, volta e meia eu tenho crise de burnout, de ansiedade, e tinha até controlado em relação a isso, mas depois que eu me separei, teve uma época que eu tive crise de pânico e tudo. (E 7).

Quando questionadas se *chegaram à iminência de desistência da pós-graduação, se cogitaram em evadir do curso*, três entre oito afirmaram que sim, que a desistência foi uma possibilidade, dada a dificuldade em contemplar as demandas todas do mestrado. Para a mestrandia “E 1”, a continuação só foi possível por conta da concessão da bolsa de mestrado, garantindo sua permanência. Entretanto para a mestrandia “E 7”, no início do mestrado, fatores como: distanciamento familiar, diferença climática da sua cidade de origem e distanciamento geográfico, por um dado momento influenciaram para uma possível desistência. Já para a entrevistada “E 2” por conta da complexidade em conciliar a vida acadêmica, profissional e a maternidade.

Os mais diversos tipos de preconceitos são recorrentes nos espaços universitários, tais quais: racial, gênero e classe social (Guerra et al., 2024; Valério et al., 2021; Martins; Taquette, 2024). O ambiente acadêmico é considerado hostil para as mulheres, sendo um local marcado por insegurança, violências e assédios (Souza; *et al.*, 2021). Entretanto, nenhuma das entrevistadas relatou não ter sofrido nenhum episódio de preconceito de nenhuma natureza na pós-graduação.

4.4 Fatores decisivos para escolha do programa de pós-graduação e da UFPE-CAA

Na categoria motivos para escolher o programa de pós-graduação, quatro entrevistadas evidenciaram que escolheram o PPG devido a sua área de formação. Duas entrevistadas afirmaram escolher o PPG por ser a sua área de atuação. Duas das falantes relataram que escolheram o PPG por indicação de amigos. Uma entrevistada relatou que um fator decisivo para escolher é de não ser exigido o teste da ANPAD nesse PPG.

Na verdade, a maioria dos mestrados em administração pede o teste do ANPAD. Então, eu estava meio que correndo de todo edital que vinha especificando que tinha que ter a nota do ANPAD. Porque eu não queria fazer esse teste. Primeiro, porque ele é muito caro e, segundo, porque é bem complexo. (E 7).

Na categoria motivo de escolha da UFPE-CAA, nos revelou que seis das oito entrevistadas atribuíram como sendo motivo de escolha da UFPE-CAA a localização. “[...] E pelo campus Caruaru, por ser mais próximo de onde eu vivo atualmente.” (E 4). “... e a outra escolha foi porque é em Caruaru, se fosse em outra cidade, já ia dificultar para mim, então, primeiramente tinha que ser em Caruaru.” (E 8). Os fatores como distância, mobilidade urbana e a mulher como sendo a chefe da família afetam diretamente o acesso e a permanência dos estudantes (Lourenço et al., 2017).

Duas das voluntárias consideraram o motivo da escolha do programa em si. Duas das participantes consideraram como motivo ser em universidade pública. “Porque eu não tinha condições de pagar um particular. Então, eu fui tentar a Federal” (E 1). Três entrevistadas sinalizaram que o motivo foi por conhecer os professores do PPG. Apenas uma citou como motivo de escolha o renome da Universidade. Uma das entrevistadas apontou como motivo as seleções serem online.

4.5 Estratégias de superação para enfrentar os desafios

Com base nos relatos das entrevistadas, foi possível esquematizar uma síntese com as principais estratégias utilizadas por elas para enfrentar os desafios.

Quadro 1 - Estratégias de superação econômicos, sociais e acadêmicos

Entrevistadas	Estratégias de superação econômicos, sociais e acadêmicos
E 1	Dialogar com veteranos do mestrado para aprender com suas experiências



E 2	Agenda semanal das atividades pessoais e profissionais, terapia e rede de apoio
E 3	Ter um bom planejamento financeiro, ter uma reserva de emergência, fazer um cronograma das atividades domésticas, ignorar os argumentos desencorajadores e criar uma rotina de contato com a orientadora
E 4	Pedir o para usar o carro da família para ir ao campus, minimizando a dificuldade de morar em outra cidade
E 5	Cronograma de estudos
E 6	Melhorar a capacidade de escrita científica através da participação de grupo de pesquisa, reorganização financeira e manter um bom relacionamento com o corpo docente
E 7	Conversar com as redes de apoio, focar nas entregas, tentar manter a calma e pensar no produto final que é a dissertação.
E 8	Checklist diário de todas as atividades pessoais e profissionais, divisão das atividades na semana, bom gerenciamento, organização e disciplina

Fonte: Os autores

5. CONCLUSÕES

Este trabalho visou analisar os desafios enfrentados por mestrandas durante o programa de pós-graduação da UFPE-CAA, considerando os contextos sociais, financeiros e acadêmicos que estão inseridas. Os objetivos específicos foram atingidos, pois foram evidenciados os principais desafios sociais, econômicos e acadêmicos enfrentados pelas mestrandas na pós-graduação.

A observação analítica e crítica das percepções das mestrandas sobre os desafios sociais, por elas enfrentados na pós-graduação, mostrou que elas estão inseridas em contextos diversos, pois umas conciliam trabalho e o mestrado e outras se dedicam exclusivamente ao mestrado.

Todas as mestrandas declararam que a fragilidade da mobilidade pública e a falta de automóvel próprio podem representar um potencial impeditivo para a continuidade e conclusão do mestrado. Para as mestrandas que residem em cidades distantes da UFPE-CAA, alegaram que o custo do combustível e das passagens é um valor significativo nas despesas. Além disso, sete entre as oito mestrandas relataram que o fator distância geográfica, a proximidade do campus com o local da sua residência, foi decisivo para a escolha de cursar o mestrado na UFPE-CAA.

Conclui-se que na perspectiva das mestrandas, que embora ainda não sejam mães, que a maternidade é considerada um grande desafio, corroborando com a afirmação da única mestranda entrevistada que é mãe ao afirmar que a maternidade na pós-graduação é desafiadora.



Todas as entrevistadas realizam atividades domésticas sozinhas, umas sozinhas e outras contam com o apoio familiar e de maneira unânime concordam que a execução de atividades domésticas atrapalham o desempenho acadêmico.

As mestrandas que recebem bolsa (CAPES e FACEPE), reconhecem a importância para o custeio das necessidades essenciais para continuidade na pós-graduação, elas ainda afirmam que sem a bolsa não conseguiriam permanecer no curso.

Como uma conclusão inesperada, as observações evidenciaram discussões, trazidas por duas entrevistadas, no campo racial relativas a cotas para negros/as para os programas de pós-graduação que participam. Uma vez que essas participantes não enxergam clareza no processo de heteroidentificação para a admissão dessas vagas reservadas. Esse fato gerou uma insegurança de uma delas, mesmo se reconhecendo como parda, em não participar dessa modalidade de acesso. A outra mestranda se identifica como negra e que tentou acessar pelas políticas das vagas reservadas para pretos/as e pardos/as, porém ao final o processo entrou na vaga de ampla concorrência.

Os aspectos psicossociais surgiram inesperadamente durante as entrevistas, todas as mestrandas entrevistadas independente do semestre que se encontra, relataram sofrer com algumas instabilidades psicoemocionais, tais como: ansiedade, *Burnout*, crise de enxaqueca, depressão, crise de pânico, estresse, esquecimento, perda de visão periférica e desmaio.

Observou-se ainda que mesmo com todos os desafios sociais, econômicos e acadêmicos citados pelas mestrandas, todas pretendem finalizar o curso de pós-graduação. Diante dos relatos das mestrandas, foi possível identificar algumas estratégias utilizadas por elas para superar os desafios mencionados, possibilitando a criação de um quadro que reunisse todas as estratégias mencionadas.

O presente estudo contribuiu com uma construção de um panorama com os reais desafios sociais, econômicos e acadêmicos enfrentados por mestrandas da UFPE-CAA nos mais diversos contextos. O estudo apresenta contribuições ao evidenciar a realidade das mestrandas da UFPE-CAA, estimulando dessa maneira a Instituição a refletir acerca das condições referente a auxílio acadêmico voltado para a pós-graduação, a flexibilização da integralização dos componentes curriculares, o mapeamento do perfil socioeconômico dos ingressantes na pós-graduação, a construção de políticas de acolhimento psicológico e a criação de condições de apoio específicas para mestrandas em seu contexto de gestação e maternidade.

Quanto às pesquisas futuras, sugere-se aprofundar no tema de políticas públicas na pós-graduação, pois foi percebido que as mestrandas possuem um conhecimento superficial referente às políticas públicas na pós-graduação. Assim como também sobre o adoecimento psicossocial advindo de uma exaustão da execução da grande demanda acadêmica. Sugere-se que a pesquisa seja realizada em outros Campus da Universidade Federal de Pernambuco para ampliar e diversificar o cenário sobre desafios sociais, econômicos e acadêmicos enfrentados pelas mestrandas em outros cursos e outras regiões do Estado de Pernambuco. Expandir o estudo para outros programas de pós-graduação, como: especialização, residências, doutorado e pós-doutorado, a fim de identificar outros desafios e pensar em outras estratégias.

REFERÊNCIAS



Artes, A. Dimensionando as desigualdades por sexo e cor/raça na pós-graduação brasileira. Educação em Revista, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698192454>

Brasil L. Senado Federal. Projeto de Lei nº 5.395, de 2023. Institui a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Brasília, DF: Senado Federal, 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.914-de-3-de-julho-de-2024-569928638>. Acesso em: 22 de abril de 2025.

Baldissera, Juliano Francisco; Asta, Denis Dall'; Casagrande, Luiz Fernando; Oliveira, Abdinardo Moreira Barreto de. Influência dos aspectos socioeconômicos, financeiro, orçamentários e político-eleitorais na transparência dos governos locais. 2019.

Barros, Suzane Carvalho da Vitória; Mourão, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na escolaridade. 2018.

Costa, Silas Dias Mendes; Paiva, Kely César Martins de. Assédio Moral; Relatos e Vivências de estudantes em programas de pós-graduação. 2023.

Deitos, Roberto Antonio; Lara, Angela Maria de Barros. Educação profissional no Brasil: motivos socioeconômicos e ideológicos da política educacional. 2016.

Gatti, Bernardete Angelina. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. 2001.

Gomes, N. L. Mulheres negras na universidade: acesso, permanência e o mito da democracia racial. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 1, p. 1-20, 2022. Disponível em: [inserir DOI ou URL]. Acesso em: [dia mês abreviado. ano].

Guedes, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. 2008.

Guerra, Nathalia Ester Martins; Stofel, Natália Sevilha; Borges, Flávio Adriano; Luna, Willian Fernandes; Salim, Natália Rejane; Sá, Barbara Stefani Moraes; Monteiro, Juliana. O racismo institucional na universidade e consequências na vida de estudantes negros: um estudo misto. 2024.

Leta, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. 2023.

Loch, Rayane Monique Bernardes; Torres, Kelly Beatriz Vieira; Costa, Carolina Reciate. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. 2021.



Lourenço, Rosenery Loureiro, Nascimento, João Carlos Hipólito Bernardes; Sauerbronn, Fernanda Filgueiras; Macedo, Marcelo Alvaro da Silva. Determinantes sociais e pedagógicos das notas do ideb. 2017.

Martins, Mirian Teresa de Sá Leitão; Taquette, Stella Regina. O racismo e o sexismo na trajetória das estudantes de Medicina negras: uma revisão integrativa. 2024.

Martins, M. K. Fatores associados à evasão no ensino superior: um estudo longitudinal.

Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 52, n. 183, p. 1–25, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/N3pg4VhpcJ9q66cYXZbcCSL>. Acesso em: 05 maio 2025.

Nganga, Camilla Soueneta Nascimento; Casa Nova, Silvia Pereira de Castro; Silva, Sandra Maria Cerqueira da; Lima, João Paulo Resende de. Há tanta vida lá fora!: work-life conflict, mulheres e pós-graduação em contabilidade. Revista de Administração Contemporânea, [S. l.], v. 27, n. 2, e210318, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023210318.por>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/MVrqHZ4qmtTNQzDDzXJBpMK/>. Acesso em: 29 abr. 2025

Noro, L. R. A.; Moya, J. L. M. (2019). Condições sociais, escolarização e hábitos de estudo no desempenho acadêmico de concluintes da área da saúde. Revista Trabalho, educação e saúde, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00210>.

Nunes, Thiago Soares; Pellegrini, Priscila; Tolfo, Suzana. Percepções de servidores públicos sobre os motivos da ocorrência do assédio moral no trabalho em uma Universidade Brasileira. 2023.

ONU. Organização das Nações Unidas. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 02 maio 2025.

Peixoto, Maria Tatiana; Queiroz, Marília Maria de Jesus; Santos, Simone Cabral Marinho dos; Soares, Themis Cristina Mesquita. Apontamentos sobre gênero e docência na pós-graduação stricto sensu: um estudo exploratório na UERN. Revista Brasileira de Pós-Graduação, [S. l.], v. 18, n. especial, p. 1–26, 2022. DOI: 10.21713/rbpg.v18iespecial.1916. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1916>. Acesso em: 10 maio 2025.

Ribeiro, Maisa Elena; Alves, Elizabeth Conceição; Soligo, Ângela Fátima. Nossos passos vêm de longe: Mulher negras na pós-graduação. 2024.

Rodrigues, Míriam; Freitas, Maria Ester de. Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência. 2014.

Rossetto, M.; Maffaccioli, R.; Rocha, C. M. F.; Oliveira, D. L. L. C. D.; Serrant, L. Coinfecção tuberculose/HIV/aids em Porto Alegre, RS invisibilidade e silenciamento dos grupos mais afetados. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 40, 2019.



Sá, Thiago Antônio de Oliveira. Políticas de democratização do ensino superior e a reprodução de desigualdades sociais: Estudo de caso. 2022.

Silva, Fabiane Ferreira da; Ribeiro, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. 2014.

Silva, R. M. da. (2024). A educação superior e seu papel de relevância no desenvolvimento econômico e social das nações. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 10(9), 2157–2171. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i9.15555>

Soares, José Francisco; Alves, Maria Teresa Gonzaga. Uma medida do nível socioeconômico das escolas brasileiras utilizando indicadores primários e secundários. 2023.

Sousa, Luana Passos de; GUEDES Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. 2016.

Souza, Viviam Mara Pereira de; Larocca, Liliana Müller; Chaves, Maria Marta Nolasco; Fialla, Melissa dos Reis Pinto Mafra; Durand, Michelle Kuntz; Lourenço, Rafaela Gessner. *Violência de Gênero no Espaço Universitário*. 2021.

Tischer, W.; Turnes, V. A. Expansão da Pós-Graduação ou concentração da excelência? Desigualdades regionais persistentes no Brasil: DESIGUALDADES REGIONALES PERSISTENTES EN BRASIL. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 1–31, 2025. DOI: 10.21713/rbpg.v19i40.2110. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/2110>. Acesso em: 10 maio. 2025.

Valério, Ana Cristina de Oliveira; Bezerra, Waldez Cavalcante; Santos, Vanessa Silva dos; Junior, Jaime Daniel Leite; Farias, Magno Nunes; Santos, Salete Maria Bernardo dos. *Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde*. 2021.